

Apeou Mariana defronte do mosteiro, e foi à portaria chamar a sua amiga Brito.

– Que boa moça! – disse o padre capelão, que estava no raro lateral da porta, praticando com a priorisa acerca da salvação das almas e de umas ancoretas de vinho do Pinhão que ele recebera naquele dia e do qual tinha engarrafado um almude para tonizar o estômago da prelada.

– Que boa moça! – tornou ele, com um olho nela e outro no raro, onde a ciumenta priorisa se estava remordendo.

– Deixe lá a moça, e diga quando há-de ir a servente buscar o vinho.

– Quando quiser, senhora priorisa; mas repare bem nos olhos, no feitio, naquele todo da rapariga!...

– Pois repare o senhor padre João – replicou a freira – que eu tenho mais que fazer. E retirou-se com o coração malferido, e o queixo superior escorrendo lágrimas... de simonte.

– Donde é vossemecê? – disse brandamente o padre capelão.

– Sou da aldeia – respondeu Mariana.

– Isso vejo eu; mas de que aldeia é?

– Não me confesso agora.

– Mas não faria mal se se confessasse a mim, menina, que sou padre...

– Bem vejo.

– Que mau génio tem!...

– É isto que vê.

– Quem procura cá no convento?

– Já disse lá para dentro quem procuro.

– Mariana!, és tu?! Anda cá!

A moça fez uma cortesia de cabeça ao padre capelão, e foi ao locutório donde vinha aquela voz.

– Eu queria falar contigo em particular, Joaquina – disse Mariana.

– Eu vou ver se arranjo uma grade: espera aí.

O padre tinha saído do pátio, e Mariana, enquanto esperava, examinou, uma a uma, as janelas do mosteiro. Numa das janelas, através das reixas de ferro, viu ela uma senhora sem hábito.

– Será aquela? – perguntou Mariana ao seu coração, que palpitava

– Se eu fosse amada como ela!...

– Sobe aquelas escadinhas, Mariana, e entra na primeira porta do corredor, que eu lá vou – disse Joaquina.

Mariana deu alguns passos, olhou novamente para a janela onde vira a senhora sem hábito, e repetiu ainda:

– Se eu fosse amada como ela!...

Mal entrou na grade, disse à sua amiga:

– Olha lá, Joaquina, quem é uma menina muito branca, alva como leite, que estava ali agora numa janela?

– Seria alguma noviça, que há duas cá muito lindas.

– Mas ela não tinha vestimenta nenhuma de freira.

– Ah! já sei; é a D. Teresinha Albuquerque.

– Então não me enganei – disse Mariana, pensativa.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

- Pois tu conhece-la?
- Não; mas por amor dela é que eu cá vim falar contigo.
- Então que é?! Que tens tu com a fidalga?
- Eu, cá por mim, nada; mas conheço uma pessoa que lhe quer muito.
- O filho do corregedor?
- Esse mesmo.
- Mas esse está em Coimbra.
- Não sei se está, nem se não. Fazes-me tu um favor?
- Se eu puder...
- Podes... Eu queria falar com ela.
- Ó dianho! Isso não sei se poderá ser, porque a trazem as freiras debaixo de olho, e ela vai-se embora amanhã.
- Para onde vai?
- Vai para outro convento, não sei se de Lisboa se do Porto. Os baús já estão preparados, e ela está morta por sair. E tu que lhe queres?
- Não to posso dizer porque não sei... Queria dar-lhe um papel... Faz com que ela cá venha, que eu dou-te chita para um vestido.
- Como tu estás rica, Mariana!... – atalhou, rindo, Joaquina – Eu não quero a tua chita, rapariga. Se eu puder dizer-lhe que venha, sem que alguém me ouça, digo-lho. E agora é boa maré, porque tocou ao coro... Deixa-me lá ir...
- Joaquina saiu-se bem da difícil comissão. Teresa estava sozinha, absorvida a cismar com os olhos fitos no ponto onde vira Mariana.
- A menina faz favor de vir comigo depressinha? – disse-lhe a criada.
- Seguiu-a Teresa, e entrou na grade, que Joaquina fechou, dizendo:
- O mais breve que possa bata por dentro para eu lhe abrir a porta. Se perguntarem por vossa excelência, digo-lhe que a menina está no mirante.
- A voz de Mariana tremia, quando D. Teresa lhe perguntou quem era.
- Sou a portadora desta carta para Vossa Excelência.
- É de Simão! – exclamou Teresa.
- Sim, minha senhora.
- A reclusa leu convulsiva a carta duas vezes, e disse:
- Eu não posso escrever-lhe, que me roubaram o meu tinteiro, e ninguém me empresta um. Diga-lhe que vou de madrugada para o convento de Monchique, do Porto. Que não se aflija, porque eu sou sempre a mesma. Que não venha cá, porque isso seria inútil, e muito perigoso. Que vá ver-me ao Porto, que hei-de arranjar modo de lhe falar. Diga-lhe isto, sim?
- Sim, minha senhora.
- Não se esqueça, não? Vir cá, por modo nenhum. É impossível fugir, e vou muito acompanhada. Vai o primo Baltasar e as minhas primas, e meu pai, e não sei quantos criados de bagagem e das liteiras. Tirar-me no caminho é uma loucura com resultados funestos.
- Diga-lhe tudo, sim?
- Joaquina disse fora da porta:
- Menina, olhe que a priora anda lá por dentro a procurá-la.
- Adeus, adeus – disse Teresa, sobressaltada. – Tome lá esta lembrança como prova da minha gratidão.
- E tirou do dedo um anel de ouro, que ofereceu a Mariana.
- Não aceito, minha senhora.
- Porque não aceita?
- Porque não fiz algum favor a Vossa Excelência. A receber alguma paga há-de ser de quem me cá mandou. Fique com Deus, minha senhora, e oxalá que seja feliz.
- Saiu Teresa, e Joaquina entrou na grade.
- Já te vais embora, Mariana?

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

- Vou, que é pressa; um dia virei conversar contigo muito. Adeus, Joaquina.
- Pois não me contas o que isto é? O amor da fidalga está perto daqui? Conta, que eu não digo nada, rapariga!...
- Outra vez, outra vez; obrigada, Joaquininha.
- Mariana, durante a veloz caminhada, foi repetindo o recado da fidalga; e, se alguma vez se distraía deste exercício de memória, era para pensar nas feições da amada do seu hóspede, e dizer, como em segredo, ao seu coração: «Não lhe bastava ser fidalga e rica: é, além de tudo, linda como nunca vi outra!» E o coração da pobre moça, avergando ao que a consciência lhe ia dizendo, chorava.
- Simão, de uma fresta do postigo do seu quarto, espreitava ao longo do caminho, ou escutava a estropeada da cavalgadura.
- Ao descobrir Mariana, desceu ao quinteiro, desprezando cautelas e esquecido já do ferimento, cuja crise de perigo piorara naquele dia, que era o oitavo depois do tiro.
- A filha do ferrador deu o recado, e sem alteração de palavra. Simão escutara-a placidamente até ao ponto em que lhe ela disse que o primo Baltasar a acompanhava ao Porto.
- O primo Baltasar!... – murmurou ele com um sorriso sinistro.
- Sempre este primo Baltasar cavando a sua sepultura e a minha!...
- A sua, fidalgo?! – exclamou João da Cruz. – Morra ele, que o levem trinta milhões de diabos! Mas vossa senhoria há-de viver enquanto eu for João. Deixe-a ir para o Porto, que não tem perigo no convento. De hora a hora Deus melhora. O senhor doutor vai para Coimbra, está por lá algum tempo, e às duas por três, quando o velho mal se precatar, a fidalguinha engrampa-o, e é sua tão certo como esta luz que nos alumia.
- Eu hei-de vê-la antes de partir para Coimbra – disse Simão.
- Olhe que ela recomendou-me muito que não fosse lá – acudiu Mariana.
- Por causa do primo? – tornou o académico ironicamente.
- Acho que sim, e por talvez não servir de nada lá ir vossa senhoria – respondeu timidamente a moça.
- Lá, se quer – bradou mestre João – a mulher, vai-se-lhe tirar ao caminho. Não tem mais que dizer.
- Meu pai, não meta este senhor em maiores trabalhos! – disse Mariana.
- Não tem dúvida, menina – atalhou Simão –, eu é que não quero meter ninguém em trabalhos. Com a minha desgraça, por maior que ela seja, hei-de eu lutar sozinho. João da Cruz, assumindo uma gravidade de que a sua figura raras vezes se enobrecia, disse:
- Senhor Simão, vossa senhoria não sabe nada do mundo. Não meta sozinho a cabeça aos trabalhos, que eles, como o outro que diz, quando pegam de ensarilhar um homem, não lhe deixam tomar fôlego. Eu sou um rústico; mas, a bem dizer, estou naquela daquele que dizia que o mal dos seus burrinhos o fizera alveitar. Paixões... que as leve o diabo, e mais quem com elas engorda. Por causa de uma mulher, ainda que ela seja filha do rei, não se há-de um homem botar a perder. Mulheres há tantas como a praga, e são como as rãs do charco, que mergulha uma, e aparecem quatro à tona da água. Um homem rico e fidalgo como vossa senhoria onde quer topa uma com palmo de cara como se quer, e um dote de encher o olho. Deixe-a ir com Deus ou com a breca, que ela, se tiver de ser sua, à mão lhe há-de vir dar, tanto faz andar para trás como para diante, é ditado dos antigos. Olhe que isto não é medo, fidalgo; tome sentido, que João da Cruz sabe o que é pôr dois homens de uma feita a olhar o Sete-Estrela, mas não sabe o que é medo. Se o senhor quer sair à estrada e tirar a tal pessoa ao pai, ao primo, e a um regimento, se for necessário, eu vou montar na égua, e daqui a três horas estou de volta com quatro homens, que são quatro dragões. Simão fitava os olhos chamejantes nos do ferrador, e Mariana exclamara, ajuntando as mãos sobre o seio:

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

– Meu pai, não lhe dê esses conselhos!...

– Cala-te aí, rapariga! – disse mestre João. – Vai tirar o albardão à égua, amanta-a, bota-lhe seco. Não és aqui chamada.

– Não vá aflita, senhora Mariana – disse Simão à moça, que se retirava amargurada. – Eu não aproveito algum dos conselhos de seu pai. Ouço-o com boa vontade, porque sei que quer o meu bem; mas hei-de fazer o que a honra e o coração me aconselharem.

Ao anoitecer, Simão, como estivesse sozinho, escreveu uma longa carta, da qual extractamos os seguintes períodos:

«Considero-te perdida, Teresa. O sol de amanhã pode ser que eu o não veja. Tudo, em volta de mim, tem uma cor de morte. Parece que o frio da minha sepultura me está passando o sangue e os ossos. Não posso ser o que tu querias que eu fosse. A minha paixão não se conforma com a desgraça. Eras a minha vida: tinha a certeza de que as contrariedades me não privavam de ti. Só o receio de perder-te me mata. O que me resta do passado é a coragem de ir buscar uma morte digna de mim e de ti. Se tens força para uma agonia lenta, eu não posso com ela.

Poderia viver com a paixão infeliz; mas este rancor sem vingança é um inferno. Não hei-de dar barata a vida, não. Ficarás sem mim, Teresa; mas não haverá aí um infame que te persiga depois da minha morte. Tenho ciúmes de todas as tuas horas. Hás-de pensar com muita saudade no teu esposo do Céu, e nunca tirarás de mim os olhos da tua alma para veres ao pé de ti o miserável que nos matou a realidade de tantas esperanças formosas.

Tu verás esta carta quando eu estiver num outro mundo, esperando as orações das tuas lágrimas. As orações! Admiro-me desta faísca de fé que me alumia nas minhas trevas!... Tu deras-me com o amor a religião, Teresa. Ainda creio; não se apaga a luz que é tua; mas a providência divina desamparou-me.

Lembra-te de mim. Vive, para explicares ao mundo, com a tua lealdade a uma sombra, a razão por que me atraíste a um abismo. Escutarás com glória a voz do mundo, dizendo que eras digna de mim. À hora em que leres esta carta...»

Não o deixaram continuar as lágrimas, nem depois a presença de Mariana. Vinha ela pôr a mesa para a ceia, e, quando desdobrava a toalha, disse em voz abafada, como se a si mesma somente o dissesse:

– É a última vez que ponho a mesa ao senhor Simão em minha casa!

– Porque diz isso, Mariana?

– Porque mo diz o coração.

Desta vez, o académico ponderou supersticiosamente os ditames do coração da moça, e com o silêncio meditativo deu-lhe a ela a evidência antecipada do vaticínio.

Quando voltou com a travessa da galinha, vinha chorando a filha de João da Cruz.

– Chora com pena de mim, Mariana? – disse Simão enternecido.

– Choro, porque me parece que o não tornarei a ver; ou, se o vir, será de modo que oxalá que eu morresse antes de o ver.

– Não será, talvez, assim, minha amiga...

– Vossa senhoria não me faz uma coisa que eu lhe peço?...

– Veremos o que pede, menina.

– Não saia esta noite, nem amanhã.

– Pede o impossível, Mariana. Hei-de sair, porque me mataria, se não saísse.

– Então perdoe a minha ousadia. Deus o tenha da Sua mão. A rapariga foi contar ao pai as intenções do académico. Acudiu logo mestre João combatendo a ideia da saída, com encarecer os perigos do ferimento. Depois, como não conseguisse dissuadi-lo, resolveu acompanhá-lo. Simão agradeceu a companhia, mas rejeitou-a com decisão. O ferrador não cedia do propósito, e estava já preparando a clavina, e arraçoando com medida dobrada a égua – para o que desse e viesse – dizia ele, quando o estudante lhe disse que, melhor avisado, resolvera não ir a Viseu, e seguir Teresa ao Porto,

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

passados os dias da convalescença. Facilmente o acreditou João da Cruz; mas Mariana, submissa sempre ao que o seu coração lhe bacorejava, duvidou da mudança, e disse ao pai que vigiasse o fidalgo.

Às onze horas da noite, ergueu-se o académico e escutou o movimento interior da casa: não ouviu o mais ligeiro ruído, a não ser o rangido da égua na manjedoura. Escorvou de pólvora nova as duas pistolas. Escreveu um bilhete sobrescrito a João da Cruz, e juntou-o à carta que escrevera a Teresa. Abriu as portadas da janela do seu quarto, e passou dali para a varanda de pau, da qual o salto à estrada era sem risco. Saltou, e tinha dado alguns passos, quando a fresta lateral à porta da varanda se abriu, e a voz de Mariana lhe disse:

– Então adeus, senhor Simão. Eu fico pedindo a Nossa Senhora que vá na sua companhia.

O académico parou, e ouviu a voz íntima que lhe dizia: – «O teu anjo da guarda fala pela boca daquela mulher, que não tem mais inteligência que a do coração, alumiada pelo seu amor».

– Dê um abraço em seu pai, Mariana – disse-lhe Simão – e adeus... até logo, ou...

– Até ao Juízo Final... – atalhou ela.

– O destino há-de cumprir-se... Seja o que o Céu quiser.

Tinha Simão desaparecido nas trevas, quando Mariana acendeu a lâmpada do santuário, e ajoelhou orando com o fervor das lágrimas.

Era uma hora, e estava Simão defronte do convento, contemplando uma a uma as janelas. Em nenhuma vira o clarão de luz; luz, só a do lampadário do Sacramento se coava baça e pálida na vidraça duma fresta do templo. Sentou-se nas escadarias da igreja, e ouviu, ali, imóvel, as quatro horas. Das mil visões que lhe relancearam no atribulado espírito, a que mais a miúdo se repetia era a de Mariana suplicante, com as mãos postas; mas, ao mesmo tempo, cria ele ouvir os gemidos de Teresa, torturada pela saudade, pedindo ao Céu que a salvasse das mãos de seus algozes. O vulto de Tadeu de Albuquerque, arrastando a filha a um convento, não lhe afogueava a sede da vingança; mas cada vez que lhe acudia à mente a imagem odiosa de Baltasar Coutinho, instintivamente as mãos do académico se asseguravam da posse das pistolas.

Às quatro horas e um quarto, acordou a natureza toda em hinos e aclamações ao radiar da alva. Os passarinhos trinavam na cerca do mosteiro melodias interrompidas pelo toque solene das ave-marias na torre. O horizonte passara de escarlata a alvacentos. A púrpura da aurora, como lavareda enorme, desfizera-se em partículas de luz, que ondeavam no declive das montanhas, e se distendiam nas planícies e nas várzeas, como se o anjo do Senhor, à voz de Deus, viesse desenrolando aos olhos da criatura as maravilhas do repontar dum dia estivo.

E nenhuma destas galas do Céu e da Terra enlevava os olhos do moço poeta!

Às quatro horas e meia, ouviu Simão o tinido de liteiras, dirigindo-se àquele ponto.

Mudou de local, tomando por uma rua estreita, fronteira ao convento.

Pararam as liteiras vazias na portaria, e logo depois chegaram três senhoras vestidas de jornada, que deviam ser as irmãs de Baltasar, acompanhadas de dois mochilas com as mulas à rédea. As damas foram sentar-se nos bancos de pedra, laterais à portaria. Em seguida abriu-se a grossa porta, rangendo nos gonzos, e as três senhoras entraram.

Momentos depois, viu Simão chegar à portaria Tadeu de Albuquerque, encostado ao braço de Baltasar Coutinho. O velho denotava quebranto e desfalecimento. O de Castro Daire, bem composto de figura e caprichosamente vestido à castelhana, gesticulava com aprumo de quem dá as suas irrefutáveis razões, e consola tomando a riso a dor alheia.

– Nada de lamúrias, meu tio! – dizia ele. – Desgraça seria vê-la casada! Eu prometo-lhe antes de um ano restituir-lha curada. Um ano de convento é um ótimo vomitório

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

do coração. Não há nada como isso para limpar o sarro do vício em corações de meninas criadas à discricção. Se meu tio a obrigasse, desde menina, a uma obediência cega, tê-la-ia agora submissa, e ela não se julgaria autorizada a escolher marido.

– Era uma filha única, Baltasar! – dizia o velho, soluçando.

– Pois por isso mesmo – replicou o sobrinho. – Se tivesse outra, ser-lhe-ia menos sensível a perda, e menos funesta a desobediência. Faria a sua casa na filha mais querida, embora tivesse de impetrar uma licença régia para deserdar a primogénita. Assim, agora, não lhe vejo outro remédio senão empregar o cautério à chaga; com emplastos é que não se faz nada.

Abriu-se novamente a portaria, e saíram as três senhoras, e após elas Teresa.

Tadeu enxugou as lágrimas, e deu alguns passos a saudar a filha, que não ergueu do chão os olhos.

– Teresa... – disse o velho.

– Aqui estou, senhor – respondeu a filha, sem o encarar.

– Ainda é tempo – tornou Albuquerque.

– Tempo de quê?

– Tempo de seres boa filha.

– Não me acusa a consciência de o não ser.

– Ainda mais?!... Queres ir para tua casa, e esquecer o maldito que nos fez a todos desgraçados?

– Não, meu pai. O meu destino é o convento. Esquecê-lo nem por morte. Serei filha desobediente, mas mentirosa é que nunca.

Teresa, circunvagando os olhos, viu Baltasar, e estremeceu, exclamando:

– Nem aqui!

– Fala comigo, prima Teresa? – disse Baltasar, risonho.

– Consigo falo! Nem aqui me deixa a sua odiosa presença?

– Sou um dos criados que minha prima leva em sua companhia.

Dois tinha eu há dias, dignos de acompanharem a minha prima; mas esses houve aí um assassino que mos matou. À falta deles, sou eu que me ofereço.

– Dispensso-o da delicadeza – atalhou Teresa com veemência.

– Eu é que não me dispensso de a servir, à falta dos meus dois fiéis criados, que um celerado me matou.

– Assim devia ser – tornou ela também irónica –, porque os covardes escondem-se nas costas dos criados que se deixam matar.

– Ainda se não fizeram as contas finais... minha querida prima

– redarguiu o morgado.

Este diálogo correu rapidamente, enquanto Tadeu de Albuquerque cortejava a priora e outras religiosas. As quatro senhoras, seguidas de Baltasar, tinham saído do átrio do convento, e deram de rosto em Simão Botelho, encostado à esquina da rua fronteira.

Teresa viu-o... adivinhou-o, primeiro de todas, e exclamou...

– Simão!...

O filho do corregedor não se moveu.

Baltasar, espavorido do encontro, fitando os olhos nele, duvidava ainda.

– É incrível que este infame aqui viesse! – exclamou o de Castro Daire.

Simão deu alguns passos, e disse placidamente:

– *Infame*... eu! e porquê?

– Infame, e infame assassino! – replicou Baltasar. – Já fora da minha presença!

– É parvo este homem! – disse o académico. – Eu não discuto com sua senhoria...

Minha senhora – disse ele a Teresa com a voz comovida e o semblante alterado unicamente pelos afectos do coração,

– sofra com resignação, da qual eu lhe estou dando um exemplo. Leve a sua cruz, sem amaldiçoar a violência, e bem pode ser que a meio do seu calvário a misericórdia divina lhe redobre as forças.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

- Que diz este patife?! – exclamou Tadeu.
- Vem aqui insultá-lo, meu tio! – respondeu Baltasar. – Tem a petulância de se apresentar a sua filha a confortá-la na sua malva-dez! Isto é de mais! Olhe que eu esmago-o aqui, *su vilão!*
- Vilão é o desgraçado que me ameaça, sem ousar avançar para mim um passo – redarguiu o filho do corregedor.
- Eu não o tenho feito – exclamou, enfurecido Baltasar – por entender que me avilto, castigando-o, na presença de criados de meu tio, que tu podes supor meus defensores, canalha!
- Se assim é – tornou Simão, sorrindo –, espero nunca me encontrar de rosto com sua senhoria. Reputo-o tão covarde, tão sem dignidade, que o hei-de mandar azorregar pelo primeiro mariola das esquinas.
- Baltasar Coutinho lançou-se de ímpeto a Simão. Chegou a apertar-lhe a garganta nas mãos; mas depressa perdeu o vigor dos dedos. Quando as damas chegaram a interpor-se entre os dois, Baltasar tinha o alto do crânio aberto por uma bala, que lhe entrara na frente. Vacilou um segundo, e caiu desamparado aos pés de Teresa.
- Tadeu de Albuquerque gritava a altos brados. Os liteireiros e criados rodearam Simão, que conservava o dedo no gatilho da outra pistola. Animados uns pelos outros e pelos brados do velho, iam lançar-se ao homicida, com risco de vida, quando um homem, com um lenço pela cara, correu da rua fronteira, e se colocou de bacamarte aperrado, à beira de Simão. Estacaram os homens.
- Fuja, que a égua está ao cabo da rua – disse o ferrador ao seu hóspede.
- Não fujo... Salve-se, e depressa – respondeu Simão.
- Fuja, que se ajunta o povo e não tardam aí soldados.
- Já lhe disse que não fujo – replicou o amante de Teresa, com os olhos postos nela, que caíra desfalecida sobre as escadas da igreja.
- Está perdido! – tornou João da Cruz.
- Já o estava. Vá-se embora, meu amigo, por sua filha lho rogo. Olhe que pode ser-me útil; fuja...
- Abriram-se todas as portas e janelas, quando o ferrador se lançou na fuga até cavalgar a égua.
- Um dos vizinhos do mosteiro, que, em razão de seu ofício, primeiro saiu à rua, era o meirinho-geral.
- Prendam-no, prendam-no, que é um matador – exclamava Tadeu de Albuquerque.
- Qual? – perguntou o meirinho-geral.
- Sou eu – respondeu o filho do corregedor.
- Vossa senhoria! – disse o meirinho espantado; e, aproximando-se, acrescentou a meia-voz: – Venha, que eu deixo-o fugir.
- Eu não fujo – tornou Simão. – Estou preso. Aqui tem as minhas armas. E entregou as armas.

Tadeu de Albuquerque, quando se recobrou do espasmo, fez transportar a filha a uma das liteiras, e ordenou a dois criados que a acompanhassem ao Porto. As irmãs de Baltasar seguiram o cadáver de seu irmão para casa do tio.